

DA FANTASIA À IMAGEM

Malvine Zalcberg

A fórmula lacaniana da fantasia $\$ \diamond a$ enlaça em sua escritura as duas operações constitutivas do sujeito, a da alienação e a da separação e recobre de um *semblant* de aproximação os dois termos designados, $\$$, Sujeito barrado, e (a) , o objeto causa do desejo. Por pertencerem a registros diferentes, os dois termos nunca se encontrarão embora se articulem pelo fato do objeto estar ligado à gerência do vazio onde o sujeito se encontra. É esta a questão abordada pela fantasia, crucial na prática da psicanálise, a da falta a ser do sujeito.

A doutrina da fantasia indica precisamente que sob diferentes formas sob as quais se apresenta esta articulação $\$$ e (a) , o que está em jogo a maneira pela qual (a) se liga à constituição do sujeito barrado no campo do Outro. Na relação do sujeito com o Outro engendradora num processo de hiância, opera-se uma primeira negatividade na vertente do significante, isto é, o sujeito emerge como variável, lacuna no tecido significante, do qual o falo deve dar conta; pode

então aparecer o objeto (*a*) como elemento heterogêneo em relação à mesma cadeia e à ela resistindo. Se o objeto (*a*) tem conexão essencial com o falo é porque surge sempre que o efeito de significação fálica não emerge. Lacan tece considerações sobre a articulação entre o vazio do sujeito e a função do objeto (*a*) no texto *Uma questão preliminar...* [...]: “*É enquanto representante da representação na fantasia, isto é, como sujeito originalmente recalçado, o S – Sujeito barrado do sujeito – suporta o campo da realidade e este só se constitui da extração do objeto(a) que lhe dá seu quadro*” (1957b, p. 554).

No fundo desta articulação, está sempre presente e ativo este efeito mortífero chamado por Lacan de “afânise” do grego *aphanisis*: o desaparecimento. A este, refere-se em seu *Comentário sobre o Relatório de Daniel Lagache*, como o que “*se produz na suspensão do desejo, do que o sujeito se eclipsa no significante da demanda e na fixação da fantasia, do que o próprio sujeito torna-se o corte que faz brilhar o objeto parcial de sua indizível vacilação*” (1957, p. 656). [...]. Retoma este tropeço do sujeito sobre a questão de sua essência num texto posterior, sobre *A Subversão do Sujeito* [...]: “*Na estrutura da fantasia liga-se essencialmente, quaisquer que sejam as elisões ocasionais, a condição de um objeto, o momento de um fading ou eclipse do sujeito, estreitamente ligado à Spaltung ou escisão que sofre por sua subordinação ao significante*” (1960, p. 299).

A construção da fantasia consiste em fazer cenário do “eu não penso”; se compreendermos por fantasia esta formação imaginária distinta de todas pelo fato da palavra falhar a lhe dar um verdadeiro valor; a predominância é a de uma frase sem comentário, pura montagem pulsional e um certo consentimento de se apagar sob o objeto. É o que Lacan formula em relação ao olhar como vazio, numa construção distinta e à parte dos objetos freudianos. O olhar como objeto, algo correlativo ao menos um (-1) não está “em frente”; é distinto do olho como órgão pois é a condição mesma da visão. Ao objeto o sujeito está apenso numa vacilação essencial

al: *“Uma vez que o sujeito tenta acomodar-se a esse olhar, ele se torna, esse olhar, esse objeto punctiforme, esse ponto de ser evanescente, com o qual o sujeito confunde seu próprio desfalecimento”* (1964-1965, p. 83).

A partir do Seminário IV e nos seminários subsequentes, Lacan começou efetivamente a postular o objeto como real, após tê-lo pensado apenas pelas vertentes do imaginário e do simbólico; na primeira, trata-se do objeto no eixo a-a' em que fica caracterizado o circuito transativista a-a' com todas as transformações que as experiências dos espelhos registram e na segunda, pelo seu valor enquanto falta simbólica *“exponente de uma função”* (1958b, p. 682) no desejo do Outro. Formulação a ser lida como antecipação do que Lacan tratará em seu Seminário XI sobre *Os quatro conceitos fundamentais* em relação ao estatuto do objeto (*a*) enquanto presente na pulsão, quando funcionando numa vertente diferente da do significante, procura dar um termo operatório ao gozo.

O objeto (*a*) é então algo de que o sujeito para se constituir, se separou e é na lacuna que o sujeito instaura esta função de um certo objeto, enquanto objeto perdido; significando que esta parte do corpo, quando funciona na ordem do desejo é aprisionada no parêntese da falta a ser e se escreve, como objeto (*a*), na mesma série que a falta a ser designada pelo § barrado e pelo par significante S1 e S2:: *“O objeto privilegiado, surgido de uma separação primitiva de alguma auto-mutilação induzida pela aproximação mesma do real”* (1964-1965, p. 83). Por esse processo de metaforização a operar sobre o corpo, o objeto (*a*) se separa, cai; no entanto, esta “parte” continuará profundamente investida, no nível do auto-erotismo, ao nível do gozo autista, permanecendo lá para eventualmente ser o que intervém como instrumento na relação com o Outro.

O sujeito mostra na fantasia sua verdadeira condição, a de ser sujeitado ao desejo do Outro, pois nela, o sujeito identificando-se ao objeto “coisa” indica sua posição frente ao gozo, por fazer-se “ser de gozo”, joguete da vontade desse

Outro, déspota e tirano. A fantasia descoberta por Freud em 1919, “uma criança é espancada”, é referência constante para quaisquer considerações sobre a função da resposta dada pelo sujeito à falta de gozo do Outro: o Outro *me* faz de coisa para gozar, pondo em jogo o *mim* como objeto-coisa do gozo. Lacan ensinou-nos a designar na fantasia esta experiência primária de passividade sexual, posição na qual o sujeito se reduz a objeto na vivência real com relação ao primeiro Outro, posição em que ele desaparece como tal, só subsistindo como dejetivo ou instrumento do gozo do Outro, tentativa silenciosa de um retorno ao ser. O fato do objeto (*a*) implicado na fórmula da fantasia, só poder preservar a verdadeira dimensão do desejo como desejo do Outro ao se constituir como falta, indica porque a fantasia é uma operação posta em ação quando se manifesta o desejo do Outro.

É também porque o Outro se ausenta, presentificando e evidenciando seu desejo, que a criança busca superar a situação angustiante causada pelo desejo do Outro graças à uma brincadeira lúdica formulada por Freud no *Fort-Da* e comentada por J.-A. Miller em seu livro *Percurso de Lacan*: “Neste sentido, a fantasia tem uma função semelhante a do brincar, que é a partir de uma situação angustiante tanto de gozo quanto de angústia, produzir prazer” (1982, p. 103).

Na articulação do Simbólico, Imaginário e Real, a fantasia mostra que se o objeto engendra-se como perdido e por estrutura impossível, é um vazio que um objeto procura preencher. Se o objeto (*a*) não representa o sujeito, há sempre um traço de apresentação na experiência da fantasia pois trata-se de um instante fantasmático fixando o sujeito num lugar peculiar; “está sempre lá”. O que é bem diferente do que ocorre ao nível do significante, nível no qual sujeito como tal, não tem lugar pois o significante o reduz à instância, a não ser mais do que um significante, “petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito” (Lacan, 1964-1965, p. 197).

Sobre este aspecto, Freud foi o primeiro a chamar a atenção, ao mencionar a terceira fase da constituição da fantasia

Uma criança é espancada (1919), como aquela em que a figura da criança criando a fantasia não mais aparece; a produção fantasmática a faz multiplicar-se em um sem número de crianças, isto é, em nenhuma. Pressionadas por Freud a respeito deste desaparecimento de cena, as pacientes declaravam apenas: “*provavelmente estou olhando*” (1919, p. 223). Neste último momento da fantasia, o sujeito se reduz à sua dimensão mínima de toda espécie de objeto, sob a forma de um mero observador de um ato sexual ou simplesmente de um olho. Esta idéia da eliminação de toda a estrutura subjetiva de uma situação, deixando subsistir um resíduo inteiramente dessubjetivado é salientado por Lacan em seu Seminário sobre *A Relação de Objeto*, quanto à peculiaridade da estrutura perversa: “*É preciso para vê-lo não sempre um sujeito, mas pelo menos um olho, que poder ser apenas uma tela sobre a qual o sujeito é constituído*” (1956-1957, p. 118).

Num momento mais adiantado de seu ensinamento, Lacan retoma sua teoria da fantasia, postulando o objeto (*a*) como *semblant* de ser isto é, contrapõe ao § símbolo da falta a ser, o (*a*) como *semblant* de ser. Em seu Seminário *Mais, Ainda*: “*E, se é verdadeiro que o Outro só se atinge agarrando-se ao a, causa do desejo, é também do mesmo modo à aparência de ser que ele se dirige. Esse ser aí não é um nada. Ele é suposto a esse objeto que é o a*” (1972-1973, p. 124). É precisamente ao que responde a posição do objeto (*a*): se há falta a ser experimentada pelo sujeito na palavra, deve haver um complemento de ser em algum lugar.

A própria estrutura da fantasia comporta esta idéia do esforço do sujeito de ultrapassar o *fading* constituinte do sujeito ao buscar no objeto (*a*) um *semblant* de ser. Disto Lacan nos dava a fórmula antecipada em *A Instância da Letra* [...] ao definir o objeto como o que o sujeito foi para o outro no seu surgimento: “*de lá onde ele estava antes que viesse ao mundo*” (1957a, p.251). Questão subordinada à própria frase da qual se serve Freud para explicar ao pequeno Hans (1909) o complexo de Édipo, “*antes de você ter nascido*”. É uma definição singular do objeto pois dá um certo

estatuto do sujeito, um , no entanto, que só pode se dizer no passado “o que ele foi”.

A própria natureza de indestrutibilidade do desejo só pode ser compreendida em função da marca que o objeto (*a*) deixa na estrutura. Se a estruturação do sujeito dá-se no desejo, ela passa pela fantasia que o sustenta, isto é, pela afrontamento ou pelo evitamento da castração que ela implica. É por onde, veremos, se articulam identificação e fantasia, na crença do ser.

A articulação de (*a*) e - ϕ na dialética da castração

A fantasia é correlata do complexo de Édipo pois liga-se à falta do Outro, isto é, ao Outro barrado, A, metaforizado pelo Nome-do-Pai. Este, como significante, enlaçando os três registros da experiência, intervém como Lei. Essa fantasia em que o sujeito é preso é, como tal, o suporte do que se chama expressamente na teoria freudiana, o princípio da realidade. A fantasia celebra a substituição do gozo pela qual se constitui a dimensão da castração. Ao que é preciso ater-se, diz Lacan em *Subversão do sujeito* [...], “...é que o gozo é proibido àquele que fala como tal, ou ainda ele não pode ser dito senão entre as linhas para quem quer que seja o sujeito da Lei, posto que a Lei se funda sobre essa interdição mesma” (1960, pp. 304-305).

A metáfora paterna produz a *posteriori*, como efeito, o “Desejo da Mãe” este que vem ocupar o lugar da ausência da mãe; só quando não está, pode-se perguntar qual é o seu desejo. Fora com seu Seminário IV sobre *A Relação de Objeto* que Lacan, passando a centrar a relação da criança com a mãe incluindo este terceiro termo, o falo (e a correspondente falta fálica da mãe), mostrara inicialmente como a metáfora paterna produzia a significação fálica no imaginário. Na última página dos Escritos, Lacan referindo-se aos ensinamentos de Freud, ainda evoca a falta do pênis da mãe como “o lugar onde se revela a natureza do falo” (1965, p. 876). Desta

natureza do falo Lacan trata especialmente em seu texto sobre *A Significação do Falo*, dizendo que ele é “o *significante privilegiado dessa marca onde a parte do logos se une ao acontecimento do desejo*” (1958a, p. 269).

Como o a clínica mostra, a experiência do desejo do Outro é decisiva porque o sujeito toma conhecimento de que a mãe não possui o falo que a criança inicialmente lhe atribui: “*Tal é o momento da experiência sem a qual nenhuma consequência sintomática (fobia) ou estrutural (Penisneid) que se refira ao complexo de castração tem efeito*” (1958, p. 271). Nas primeiras linhas deste mesmo texto, *A Significação do Falo*, Lacan postula a tese que a assunção do sexo pelo sujeito se faz pelo desfiladeiro da castração: “*a saber, a instalação no sujeito de uma posição inconsciente sem a qual ele não saberia se identificar ao tipo ideal de seu sexo*” (p. 261). Trata-se do que foi ressaltado por Freud em um de seus últimos textos evocando a irredutibilidade a toda análise finita, das seqüelas que resultam do complexo de castração no inconsciente masculino, do *Penisneid* no inconsciente da mulher. Em questão a “modalidade de ser” que se funda, se inspira do corpo que se tem e que Lacan tematiza na leitura do “Banquete” de Platão, no *Seminário sobre A Ética* (1960-1961) evocando o mito no qual o homem é Poros, aquele que tem, enquanto a mulher é forçosamente Aporia, a que não tem.

O conceito de castração implica portanto, uma falta simbólica de um objeto imaginário, significando que o objeto imaginário só adquire valor para o desejo por causa da falta simbólica implicada: $-\phi$. A fórmula $a/-\phi$ na doutrina lacaniana destina-se a fixar a função do objeto como suplência, como rolha da castração simbólica do falo imaginário, este operando como falo negativedo pelo significante “não há falo”. A definição do falo como falta a ser na clínica de Lacan faz J.-A. Miller, em seu seminário *La Nature des Semblants*, equivar o sujeito barrado, \S , ao $-\phi$, na medida em que o sujeito é dividido em relação à esta falta (Seminário de 27.05.1992). O objeto (a), constituindo-se no regime edípico, da Lei do Um,

como suporte do desejo, tem por função simbolizar a falta central do sujeito, esta indicada por $-\phi$.

O mais importante do imaginário é o que não se pode ver; em particular – para tomar o pivô desta clínica que Lacan desenvolve particularmente no Seminário IV – o falo feminino, o falo materno, que não se pode ver. O falo aparecerá como negatividade, como menos, na imagem do corpo libidinizado $i(a)$. Enquanto não especularizável advirá sob a forma de uma falta $-\phi$. Isto porque, Freud o descobriu na dialética do narcisismo, nem todo o investimento libidinal passa pela imagem. A função imaginária é aquela que Freud formulou como presidindo ao investimento do objeto como narcísico. Sobre este aspecto baseia-se Lacan para demonstrar que a imagem especular “*é o canal que toma a transfusão da libido do corpo em direção ao objeto*” (1960.p. 305). Na dialética da castração, a natureza do falo não é então, apenas imaginária, pois trata-se do que falta à imagem e precisamente à imagem do corpo; a imagem do pênis é negativizada em seu lugar na imagem especular.

Esta abordagem permitiu a Lacan ultrapassar a cisão por ele mesmo operada no início de sua obra entre Imaginário e Simbólico ou seja, conceber o Imaginário a partir do significante e do significado como efeito do significante e menos a partir da imagem ou não somente a partir da imagem: “*É assim que o órgão erétil vem a simbolizar o lugar do gozo, não como ele próprio, nem mesmo como imagem, mas como parte faltante da imagem desejada*” (1960, p. 306). O molde do Seminário sobre *A Carta Roubada* já visava precisamente sustentar que as incidências imaginárias longe de representarem o essencial de nossa experiência, só são consistentes se relacionadas à cadeia simbólica que as liga e as orienta: “*Certamente conhecemos a importância das impregnações imaginárias (Prägung) nessas parcializações da alternativa simbólica que dão à cadeia significante seu aspecto*” (1955, p. 18).

Menos ϕ ($-\phi$) conserva, portanto, ligações com o objeto (a) precedendo-o na constituição do sujeito dividido, isto

é, o objeto (a) inclui o $-\phi$, a função imaginária da castração. No Seminário sobre *A Angústia* (1962-1963), Lacan insere o objeto (a) neste traço de estrutura que subtrai o objeto da função imaginária pois o designa como não tendo imagem no espelho, isto é, como não especularizável (Seminário de 30.01.1963). No cerne do objeto (a) há a castração e o matemático lacaniano $i(a)$, com ela tem relação porque dentro da imagem se esconde o objeto (a). Da tal maneira que se a imagem é algo que se apresenta, que se dá a ver, ela é enganadora porque esconde o que há atrás.

O sujeito não pode, portanto, ter uma relação com o objeto (a) sem a mediação imaginária. É a imagem especular que dá uma roupagem, uma cobertura ao objeto não capturável no espelho. Desta forma, embora a natureza do objeto revele-se diferente da imagem $i(a)$, ambas articulam-se na dialética da castração, possibilitando que a dimensão desejante inscrevendo o \S barrado da fantasia encontre suas dimensões imaginárias.

Esta formulação dá à clínica a possibilidade de introduzir este termo essencial que é o da identificação fálica como retomada da identificação narcísica no destino do sujeito. O que vem no lugar do estádio do espelho é de certa forma o estádio do desejo da mãe onde prevalece a identificação (imaginária) da criança ao $-\phi$ materno. Dito de outra forma, para satisfazer aquilo que não pode ser satisfeito, ou seja, o desejo da mãe, a criança envereda pelo caminho do engodo. Na etapa situada antes do Édipo, a criança se engajará nesta dialética intersubjetiva do logro: se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-la. A intervenção do Nome-do-Pai, do pai como significante, visa livrar a criança da captura imaginária no desejo da mãe do qual é presa fácil. Para toda criança é preciso partir do falo, da sua relação com o falo enquanto desejado pela mãe. Trata-se de saber, em cada caso como a criança se arranjou com o símbolo imaginário do desejo materno.

O defeito da imagem de si

A identificação imaginária compreende a assunção do sujeito de uma imagem e a transformação operada nele pela mesma. Operação ilustrada, no estádio do espelho, pelos poderes da imagem na relação inaugural com o Outro estabelecida pelo advento da imagem especular $i(a)$ e sua autentificação em $i'(a)$. É uma tese precisa concernindo a maneira pela qual o homem investe o objeto; isto é, o sujeito investe o objeto via sua imagem especular. No lugar do Outro se perfila uma imagem refletida, falaciosa de nós mesmos, problemática por ser uma imagem caracterizada por uma falta.

Para moldar sua imagem, o sujeito recebe as insígnias significantes como mensagem do Outro e tenta igualar-se à imagem ideal de um eu amado pelo Outro, no lugar do ideal do eu. A instância do ideal do eu e seu mecanismo identificatório específico – a introjeção – comandam o modo pelo qual o sujeito assimila sua imagem no espelho. O ideal do eu é justamente esse significante mínimo (*ein Einziger Zug*) que colocado fora do sujeito, no exterior, permite-lhe ter um ponto de vista. O ponto do ideal do eu ser aquele de onde o sujeito se vê visto pelo Outro, mostram como as identificações se determinam de desejo.

Este traço, ponto simbólico, $I(A)$, será o suporte da identificação imaginária do eu ideal, identificação primária a seu semelhante e constituinte do ponto inaugural da alienação do sujeito na captura imaginária. O ideal do eu atendo-se, portanto, à dimensão subjetiva tem por função, sobre o plano simbólico, regular a estrutura imaginária do eu, incluindo o ato mesmo condicionado pelo significante onde o eu objetiva-se na sua relação ao Outro da linguagem.

Nas primeiras relações da mãe com a criança revela-se, portanto, não apenas o pólo das pulsões, mas também o registro das identificações. A estrita equivalência do objeto e do ideal do eu na relação amorosa, é uma das noções fundamentais na obra de Freud e a reencontramos a cada passo. O objeto amado é, no investimento amoroso, pela captação que

ele opera do sujeito, equivalente ao ideal do eu. Pelo investimento libidinal, um objeto se torna desejável, isto é, confunde-se com essa imagem que levamos em nós, diversa, e estruturadamente.

A inserção de uma função imaginária da imagem corporal entre o processo significativo do recalque e o real do organismo assume toda sua importância no exame da questão da feminilidade. A forma de amor em que a mulher está por excelência, começou a ser ressaltada por Freud em seu texto sobre o *Narcisismo*: “*Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de ser amada*” (1914, p.105). Quando Freud nesta obra de 1914 distinguiu os dois tipos de escolha de objeto – anaclítica e narcísica – recortara esta distinção pela diferença dos sexos, dizendo que o primeiro tipo (anaclítico) seria característico do homem, enquanto que o segundo (narcísico) o das mulheres. Ele dá como próprio ao homem, a transferência de seu próprio narcisismo sobre o objeto, do que resulta uma superestimação deste objeto e, correlativamente um empobrecimento do eu próprio do sujeito. A escolha de objeto narcísica, característica da mulher, faria, segundo Freud, elas apresentarem modalidades de “*se amarem a si mesmas*”: “*o que se é, o que se foi e o que se gostaria de ser*”. Freud acrescenta uma quarta forma: “*alguém que foi parte de si mesmo*”, isto para dar conta da força do amor materno e o quanto a menina a ela está sujeitada. Se para o homem, pesa a ameaça de castração, para a menina, a ameaça é a de perda de amor.

No Seminário IV, no qual retoma os dois tipos de escolhas de objeto a partir da distinção dos sexos, Lacan indica que se a relação anaclítica é a mais adequada para nos referirmos ao homem, é porque ele “tem”; é investido do falo como objeto do desejo. O que faz com que sua posição corresponda àquele que é amado (amado pelas mulheres) e, mesmo como criança, seria indispensável à mãe, único depositário do objeto de desejo da mãe (1956-1957, p. 84).

O que deixa a mulher mais dependente da sua relação com o Outro. A relação mãe-filha depende de uma confirma-

ção narcísica. Num primeiro tempo, a menina como criança-falo realiza uma imagem fálica sobre si mesma para, em seguida, com a instauração da metáfora paterna, libertar-se desta identificação aprisionante. Num segundo tempo, volta-se para o Outro encarnado pela mãe, à espera de uma valorização de seu corpo de menina. Eis pois uma diante da outra: a mãe espera algo da criança e esta espera algo da mãe. A constituição do eu no espelho do Outro é sustentada pela resposta fantasmática que o sujeito dá à questão sobre o desejo do Outro. Ao “o que o Outro quer de mim?”, o sujeito responde: ser seu objeto (a), causa de desejo e para tal lhe dá a roupagem da fantasia e de sua persona $i(a)$.

Podem surgir vicissitudes nos fenômenos da relação mãe-criança-menina-falo, dada a proeminência do falo na dialética imaginária. Refiro-me à possibilidade de um narcisismo prejudicado na menina, que não evolua necessariamente para uma psicose, pois nesta, o corpo real da criança permanece para sempre testemunhando a onipotência da função materna e a forclusão do Nome-do-Pai. Trata-se mais do confronto da menina com a reação de uma mãe quando o órgão que tanto valoriza, não acompanha necessariamente o corpo da criança-menina. Por quais caminhos passam então as fantasias da menina quanto ao seu próprio corpo, para ir da mãe à filha, ou seja, como estão elas acomodadas no imaginário desta, como $i(a)$?

Em *A Psicanálise e seu ensinamento*, Lacan menciona o defeito da imagem de si da mulher “por falta de ter satisfeito a identificação narcísica” (1957c, p. 452). Isto é, como um estádio do espelho inacabado. Eis um comentário de Lacan não muito preciso pois ele se atém em dizer que ela ficou em sofrimento face ao outro imaginário; ela não pôde tomar corpo a partir de sua imagem especular. Através do investimento da imagem de mulher, manifesta-se o laço entre o fracasso do recalque a nível do corpo orgânico e as falhas dele decorrentes. Desde então, ela não sabe o que é ser uma mulher e ela o busca. Nada a nível do Outro, a nível da identificação simbólica, $I(A)$, lhe dá o ponto de referência que garante a

máscara da imagem misteriosa que toda a arte do narcisismo feminino procura sugerir e lançar sobre a cena do mundo. Se é preciso convir que a mulher encontra-se sempre um pouco em falso no plano de sua identificação imaginária, sua imagem corporal parecendo-lhe algo vacilante e frágil, ela busca meios de ser reassegurada de sua feminilidade.

Cabe ao registro simbólico, de ideal do eu, vindo por parte do Outro, dar acolhimento ao corpo de falta da menina. Qualquer distúrbio neste registro do I(A) dificulta a identificação da mulher aos ideais do seu próprio sexo e implica uma ressurgência de questões ligadas à identificação imaginária $i(a)$. É claro que $i(a)$ já deve ter-se instituído, porque não podemos referir-nos ao corpo se não falarmos da falta antes. Haver um corpo regulado pelo Outro, nem sempre é suficiente para impedir à mulher de ficar imersa no imaginário, ameaçada de perder este ponto de exterioridade que o ideal do eu deve preservar. Trata-se então de mulheres presas no olhar materno, de um olhar imaginado no campo do Outro. Desde esta posição solicita ser olhado, se faz olhar. Este olhar imaginado é correlativo de um sujeito que se sustenta em uma posição de desejo.

Encontramos então esta mulher cujo discurso fantasmático aponta para uma falha na fundação da imagem do seu corpo feminino, fundação que, por natureza, é frágil. Aí ela dizer-se defeituosa e inacabada adquire o sentido de uma imagem à qual falta consistência, inclusive ameaçando não poder recobrir o objeto (a). A falta do objeto não supõe que o (a) seja coberto pela imagem? O laço entre o objeto sexual e a imagem narcísica não é tal que o objeto só é capturado quando revestido por esta imagem, a qual só mantém sua consistência pelo objeto que ela abriga, $i(a)$? Não se trata, em suma, de tomar no corpo da imagem especular $i(a)$, o objeto de seu desejo (a)?

É possível, pois, quando ocorre uma falha na articulação destes elementos, haver uma redução do simbólico, uma espécie de anulação, de perturbação da função do ideal do eu, ponto do qual a mulher se vê como amável. Fica então parti-

cularmente difícil manter-se a distância entre o I, ponto em que o sujeito se vê como amável e esse outro ponto em que o sujeito se vê causado como falta por (*a*) e onde (*a*) vem arro-
lar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito. O que, por sua vez, dificulta na clínica, a dissociação do (*a*) e do A na redução do primeiro ao que é do imaginário e do Outro ao que é do simbólico, dissociação que é fundamental para o discurso analítico.

RESUMO

A fantasia revela o esforço do sujeito de ultrapassar o *fading* constituinte, buscando no objeto (*a*) um *semblant* de ser pela mediação imaginária *i(a)*. A fundação da imagem do corpo feminino sendo frágil por natureza pode, por peculiaridades do percurso edípico da mulher, favorecer a ressurgência de questões ligadas à identificação imaginária, ameaçando o recobrimento do objeto (*a*).

Referências Bibliográficas

FREUD, S.

- . 1914 *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. ESB, Rio Imago, Vol. XIV, 1. ed., (1974).
- . 1919. *Uma Criança é Espancada*. ESB, Rio, Imago, Vol. XVII, 1. ed. (1976).
- . 1937. *Análise Terminável e Interminável*. ESB, Rio, Imago, Vol. XXIII, (1975).

LACAN, J.

- . 1955. *O Seminário sobre a Carta Roubada*. Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, (1978), pp. 17-68..
- . 1956-1957. *A Relação de Objeto e as Estruturas Freudianas*. O SEMINÁRIO. Livro IV. Rio, (1994).

- . 1957a. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud*. Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, (1978), pp. 223-260.
- . 1957b. *D'une Question Préliminaire à tout Traitement Possible de la Psychose*. Ecrits. Paris, Seuil, (1966), p. 531-583.
- . 1957c. *La Psychanalyse et son Enseignement*. Ecrits. Paris. Seuil, (1966), pp. 437-458.
- . 1958a. *A Significação do Falo*. Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, (1978), pp. 261-274.
- . 1958b. *Remarque sur le Rapport de Daniel Lagache: Psychanalyse et Structure de la Personnalité*. Ecrits. Paris, Seuil, (1966), p. 647-684.
- . 1960. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente freudiano*. Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, (1978), pp. 275-312.
- . 1962-1963. *L'Angoisse*. Le Séminaire (inédito)
- . 1964-1965. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. O Seminário, Livro 11, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, (1979).
- . 1965. *La Science et la Vérité*. Ecrits, Paris, Seuil, (1966), p. 855-877.
- . 1972-1973. *Mais, Ainda*. O Seminário, Livro 20. Rio de Janeiro, Zahar Editores, (1982).

MILLER, J-A.

- . *Percursos de Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, (1987).
- . *De la Nature du Semblant*. Seminário 1991-1992 (Inédito).